

# RESENHA

**KRIEGSÄNGSTE UND SICHERHEITSBEDÜRFTNIS**  
**Zur Sozialpsychologie des Ost-West-Konflikts**  
**im Alltag**  
**Birgit Volmerg e Ute Volmerg e Thomas Leithäuser**  
**Fischer Taschenbuch Verlag**  
**Frankfurt a.M., 1983**

Um livro interessante tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, no campo da Psicologia Social, foi publicado no início do mês de junho pela Editora Fischer, da República Federal da Alemanha. Trata-se de *Medos de Guerra e Necessidade de Segurança*, relato de uma pesquisa sobre o lugar do conflito Ocidente/Oriente (entendido como a União Soviética) na vida cotidiana, realizada nos anos 1977/78 por Birgit e Ute VOLMERG e Thomas LEITHAUSER, a primeira e o último autores trabalhando na Universidade de Bremen e a segunda na Fundação de Hessen para a Pesquisa sobre Paz e Conflito.

O tema, candente na Europa da atualidade, como provavelmente o era, se bem que sob outra forma, a Psicanálise no momento em que Serge MOSCOVICI realizou o seu estudo sobre *Imagens da Psicanálise* para verificar a sua teoria sobre representação social, pretende dar referência empírica à teoria da consciência do cotidiano formulada por Thomas LEITHAUSER no texto *Formas de Consciência no Cotidiano*, editado em 1976. Esta proposta teórica aliás, é desenvolvida, em seguida, metodologicamente junto com Birgit VOLMERG e outros autores, no quadro da veemente contraposição epistemológica paradigma normativo x paradigma interpretativo que tem caracterizado a discussão nas Ciências Sociais e Humanas na Alemanha Ocidental desde o início da década de 70, no livro *Esboço para uma Empíria de Consciência do Cotidiano*, publicado em 1977.

A consciência do cotidiano, problemática inspirada originalmente pelos escritos de Henri LEBEVRE, é entendida pelos autores como a forma de conhecer e atuar sobre a realidade que é organizada fundamentalmente pela ação simultânea de imagens e de estereótipos. Entretanto, diferentemente de MOSCOVICI, que também acentua a função organizativa de imagens e estereótipos na apreensão da realidade, para os autores aqui mencionados a consciência social do presente é constituída, sobretudo, de interpretações suscitadas pelo próprio processo de interação, inclusive aquele que ocorre durante uma entrevista, uma discussão de grupo ou outro procedimento empregado para a obtenção de material para uma pesquisa. Desse modo, as interpretações não apenas variam em contextos diversos bem como de

sua construção participam elementos e níveis os mais inesperados do ponto de vista lógico.

Assim, o processo de compreensão da realidade não se realiza de forma primordialmente cognitiva, mas nele tem um papel relevante o inconsciente. É, aliás, a sua atuação que para os autores explica ser a transferência de regras da vida cotidiana, já conhecidas e rotinizadas como diriam BERGER e LUCKMANN, o principal mecanismo utilizado por indivíduos ou grupos no tratamento de aspectos problemáticos da realidade. Esta repetição em novas situações de respostas ou regras sociais interiorizadas ao longo do processo de socialização, tanto aquelas diretamente ligadas à experiência individual, resultante da própria práxis de interação, quanto às relativas às mensagens produzidas e divulgadas de forma industrial, constitui para eles uma maneira de assegurar a estabilidade do cotidiano e, por conseguinte, de conservá-lo.

As regras práticas da transferência do cotidiano para evitar o novo, o estranho, o desconhecido são principalmente a tematização, a redução e a defesa. Elas ora se fundem, ora se distinguem, mas atuam sempre simultaneamente. O mecanismo de redução do desconhecido ao conhecido pode funcionar como defesa de uma visão crítica e, portanto, como agente de elaboração de visões inapropriadas bem como um meio ou veículo para obter uma tematização consensual. Cabe, no entanto, aos mecanismos de defesa, que se expressam sob a forma de nivelamento, harmonização e extraterritorialização uma ação central. De fato, na medida em que extinguem, enfraquecem ou afastam a possibilidade de tematização de algum aspecto da realidade que se tornou problemático impedem que alternativas concretas de enfrentamento ou de solução, de curto ou de longo prazos, sejam aventadas.

As diversas formas como os onze grupos de discussão (aspirantes de artilharia, suboficiais, oficiais, policiais, professores de escolas secundárias, estudantes universitários, rapazes e moças do penúltimo ano secundário, executivos, aprendizes de comércio, operários), cujos membros se conheciam de alguma maneira — ou porque eram colegas de classe, de trabalho ou porque estavam participando de algum tipo de treinamento tratam da questão "Quão seguros vivemos nós?", suscitada pela apresentação de um filme que tenta reconstruir do ponto de vista Ocidental e dos integrantes do Pacto de Varsóvia, o conflito Ocidente/Oriente, demonstra a dificuldade de tematizar criticamente este problema no cotidiano.

A discussão empreendida pelos aspirantes de artilharia, que se organiza, em parte, em torno da expressão "o ataque é a melhor defesa" pode constituir um exemplo de como um sentimento de insegurança, oriundo de uma situação em que a própria sobrevivência está em jogo, não é afrontado diretamente, mas é resolvido pelo grupo através do apelo a uma regra comumente aceita para solucionar conflitos da vida cotidiana, seja na concorrência econômica ou financeira, no esporte, na família. Procedimento semelhante mostram os executivos que, além do grupo de discussão, participam de um "role playing", cuja tarefa era fazer uma proposta de ação ao chanceler alemão em caso de guerra. Na pri-

meira situação, o problema da insegurança advinda da constelação político-militar é abordada apenas periféricamente e, assim mesmo, como preâmbulo para a discussão da insegurança originada da dificuldade de conciliar êxito profissional com felicidade pessoal. No "role playing" é aquele problema que passa a ser o foco principal. Entretanto, como também o fazem alguns dos grupos que aceitam participar desse tipo de jogo, abordam o conflito Ocidente/Oriente através da utilização de certos clichés, que reduzem, de saída, a necessidade de uma maior reflexão, vez que eles já consistem em resumos de determinadas posições. No caso, se defrontam com o dilema tão alemão "melhor vermelho do que morto", ou "melhor morto do que vermelho" que é elucidado através de estratégias usualmente empregadas na profissão que desempenham, qual seja, a de sempre mostrar força e jamais fraqueza, mesmo se no final for preciso morrer.

A interpretação das verbalizações produzidas nos vários grupos, seja na discussão, seja no "role playing", através do procedimento hermenêutico, e que pretende apreender o inconsciente como situação social, como inconsciente coletivo que se explica na fala cotidiana, revela os aspectos com os quais os indivíduos e grupos se identificam e com eles definem os limites em que a realidade pode aparecer. O mal-estar no que concerne à própria situação, como ocorre com os operários que chegam a se perguntar sobre o que podem fazer para "evitar que necessitem construir fragatas", e o desejo de mudança são silenciados no momento em que a própria situação é analisada apenas a partir de regras do cotidiano, em geral, pouco adequadas ou apropriadas para a compreensão do aspecto da realidade posto em questão.

Os resultados do estudo parecem mostrar a pertinência da teoria da consciência do cotidiano. De fato, os textos produzidos pelos participantes da pesquisa nos diversos grupos constituem uma manifestação exemplar de algumas das características dessa consciência como o fato de não ser cumulativa, isto é, de não se enriquecer com a própria experiência, a alheia e a histórica, de não incluir novos horizontes, tendendo a se movimentar em horizontes exíguos, de organizar a cronologia temporal segundo o princípio da proximidade espacial e de ter sempre, de certa forma, respostas prontas para qualquer questão, de saber de tudo.

Entretanto, será a consciência do cotidiano apenas um empecilho para a compreensão crítica da realidade, para a elaboração de projetos que enfatizem a sua mudança? Ou nela própria não estariam, também, alguns dos elementos que, uma vez tendo sido interrogados, incorporados às experiências anteriores vivenciadas ou não, organizados temporal, espacial e socialmente pela praxis concreta de grupos em sociedades determinadas, permitiriam não somente reconstruir a própria realidade assim como nela intervir?

Em qualquer das hipóteses que, aliás, não se excluem mutuamente, o texto contribui para esclarecer umas tantas dúvidas e, sobretudo, para questionar umas tantas certezas constituídas ao longo do tempo, muito provavelmente segundo alguns dos mecanismos da consciência do cotidiano ali postos em evidência.

*Silke Weber*